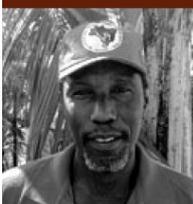


METAMORFOSES

PENSAR O MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Reorganização de pequenas empresas,
processos de distribuição e economia de
vizinhança



Roberto Carlos do Nascimento
Coordenador do
setor de produção
do Quilombo Campo
Grande/MG, do MST

Giuliana Bastos
Jornalista e
especialista em café e
gastronomia, criadora
do Grão Coletivo.



Midiã Cláudio
Graduada em Artes Visuais,
Especialista em Artes,
Ecologia e Sustentabilidade,
Assistente da Gerência de
Sustentabilidade e Cidadania
do Sesc São Paulo

Mediação/Análise:
Marcos Arruda
Economista e educador,
membro do Fórum
Mudança Climática e
Justiça Socioambiental

17/10 – 14h
Inscrições a partir de 28/09
bit.ly/ciclotmetamorfoses

Realização:

instituto
casa comum

sesc

A colaboração e o café

Giuliana Bastos

É emblemático trazer o café para uma mesa sobre o mundo em tempos de pandemia. A pandemia trouxe à tona olhares, reflexões, discussões sobre as coletividades, sobre o estar só e estar junto, sobre de onde viemos, onde estamos e para onde vamos.

Estamos no Brasil. Maior produtor de café do mundo. Um dos dois países de maior consumo de café, alternando o primeiro lugar com os Estados Unidos. Brasil cujas raízes, históricas, culturais e sociais estão conectadas à história do café, planta e bebida, ao seu consumo e à sua apreciação. Saberes centenários, natureza, pessoas.

O café é para o brasileiro o marco do encontro, do estar com o outro, do prazer simples, do ser.

O mercado de cafés especiais é peculiar. São 330 mil produtores no país, de norte a sul, responsáveis pela produção de cerca de 60 milhões de sacas. Desse montante, estima-se que apenas 15% seja especial.

O café de qualidade impõe a toda a sua cadeia produtiva uma série de desafios. É um nicho, os consumidores que o apreciam são poucos, o custo de produção é alto, o consumo interno concorre com a atraente possibilidade de exportação, o preço pago pelo produto nem sempre

é justo, e há a concorrência com grandes marcas e suas forças de marketing e logística. Enfim, um mercado de minúsculos e pequenos que está sendo pouco a pouco ocupado pelos grandes. É preciso fazer algo.

Este mantra já se fazia presente nas conversas dos protagonistas do mercado. Era preciso tecer novos caminhos, articular-se, pensar novas formas de organização. Esta carta já estava na mesa.

Então veio a pandemia. E o isolamento. E os desencontros. E a incerteza.

As portas fechadas transformaram-se em falências, uma massa de baristas e funcionários de cafeterias e microtorrefações sem emprego, um mercado todo em suspensão. As iniciativas de crédito oferecidas pelos governos se tornaram inalcançáveis para mais de 90% destas micro e nanoempresas. Alguns desistiram do café.

Criamos o Grão Coletivo em um grupo no whats app com o único intuito de conseguirmos nos conectar, dialogar, nos tranquilizar. Era um momento de luto. Foram momentos de luto.

Amigos queridos chorando anos de sonhos, dedicação, investimento, que derreteram em poucas semanas. Concorrentes e desafetos de longa data, estavam ali, lado a lado, não no mesmo barco, mas passando pelo mesmo tsunami chamado Covid-19.

Aos poucos, a necessidade de cooperação para além da emocional se fez presente. Trocas de informações preciosas, orientações, dicas, aconselhamentos. Lembrou-nos sim, as xícaras de açúcar sendo emprestadas, tupperwares com pedaços de bolo, mudas de plantas oferecidas com carinho ao vizinho. A vizinhança. Essa linda. Que nos ajuda, nos protege, sofre com as nossas agruras.

De grupo de whats app, começamos a buscar apoios mais estruturados. Instituições como Sebrae, Associação Brasileira de Cafés Especiais, Abrasel e Federação dos Cafeicultores do Cerrado compartilhavam materiais de apoio a pequenas empresas, ferramentas para obter crédito, informações para a produção de manuais de boas práticas, dicas para a retomada. Começamos nos articular para compras coletivas de utensílios e outros insumos, para negociar com empresas de locação de equipamentos, dialogar com fornecedores, emplacar pautas na imprensa que ajudassem com a venda delivery, essa realidade tão nova para muitos do grupo. Coletivamente tivemos mais força para negociar descontos e formas de pagamento amigáveis. O Grão Coletivo também se tornou espaço para compartilhar e fortalecer iniciativas colaborativas. Em uma semana de webinars, trouxemos, entre outros temas, exemplos de cafeterias que passaram a comercializar caixas para delivery com produtos de vizinhos e parceiros, um artesanato, um embutido, um quitute que a doceira faz na lojinha em frente. Novas práticas, novos formatos, novas ferramentas, novos caminhos.

Nós mudamos? Essa economia da vizinhança veio para ficar? Vamos superar nossas diversas visões de mundo e de vida para dialogar, nos unir e seguir de mãos dadas?

Em alguns estudos sobre a Cultura da Cooperação, o Sebrae avalia que a cooperação exige a convivência e o estabelecimento de relações de confiança, como base para empreender os esforços coletivos em torno de objetivos comuns.

O mercado de cafés especiais tem alguns bons quilômetros a percorrer ainda. É preciso dialogar mais, confiar mais, trabalhar mais. Mas demos o primeiro passo. Vamos tomar mais um café?

Giuliana Bastos

Jornalista, criadora do Grão Coletivo